

MULHER EM MOVIMENTO

Ano XXIV nº 54 - Setembro e Outubro/2016

Associação Bancários
bancariosbahia.org.br

Departamento
de Gênero

CTB

FEEB
FEDERAÇÃO DOS BANCÁRIOS
DO BRASIL E DA AMÉRICA DO SUL

Atitude, garra e disposição



Fotos: Manoel Porto

DE HOMEM PARA HOMEM

Moisés Rocha

Um homem ama outro homem
Porque ele é lindo.
O outro homem
diz coisas que outro homem
nem imagina que ele dissesse
E eles estão felizes
só por aquele instante
que se instala e é para sempre.
Um homem beija a face
do outro homem,
enquanto lágrimas escorre-lhe
também a face
Porque ele é o que o outro
nem imagina que fosse.
E aconteceu um abraço
naquele homem bonito
de corpo e alma
Eles selaram a beleza
e o amor entre eles
E um dos homens foi-se,
aparentemente foi-se.
Mas ele foi pedra e
fundamental que era
Deixou também belos frutos
Que são amados
pelos seus frutos.
O homem era lindo
Porque sua alma era leve
E todos riam e viam
A beleza e a leveza
desse outro homem.



**Direito ao aborto
reconhecido na ONU**

Página 3

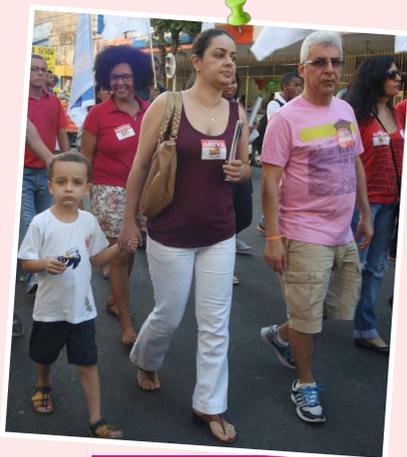
É evidente a alta lucratividade do sistema financeiro em contraposição à exploração do trabalho bancário e os maus tratos aos clientes.

De um lado estão os bancos, para quem não existe crise, que cobram juros de agiotagem e tarifas abusivas dos clientes. Do outro lado os trabalhadores, que enfrentam ameaça permanente de demissão, assédio moral na exigência por metas e salários contidos. Fatores que impactam diretamente na economia do País e que imperram a distribuição de renda.

A campanha deste ano, que contou com grande apoio da população e de expressivas organizações sociais, não atingiu totalmente a meta pretendida, mas garantiu por antecipação um ganho real acima da inflação no próximo ano.

Nas ruas, praças e nas agências a grande mobilização da categoria foi envolvente. No momento de maior enfrentamento, a disposição de luta que bancárias e bancários demonstram faz a diferença.

Determinação e garra, além de muita atitude, são palavras chaves, especialmente nas greves. Porque só a luta nos garante!



**Saúde do
homem trans**

Página 4

Quebra de padrões estéticos para mudar a sociedade

A beleza é de cada um

A sociedade do consumo em que vivemos utiliza fórmulas que visam apenas interesses de mercado, estratégias de vendas e um ciclo cada vez menor de descarte. Essa lógica se aplica também sobre as pessoas e os padrões estéticos que são valorizados. As peças de propaganda na mídia, especialmente as mais visuais (TV, revistas, jornais etc.) adota padrões genéricos e superficiais que são impostos a todos.

Geralmente o marketing das empresas repete um padrão de beleza baseado em juventude (heterossexual e branca) que, para as mulheres costuma reforçar fragilidade e submissão e para os homens o poder. Além disso, exploram com força total o individualismo característico do capitalismo.

Embora ainda longe de um novo padrão inclusivo e ade-

quado ao perfil da maioria da população brasileira, percebe-se que uma mudança está em curso. Algumas marcas têm apostado no humor e nas minorias.

Há pouco tempo, uma indústria de cosméticos surpreendeu a cena publicitária com imagens de mulheres de várias idades e etnias, com o sugestivo tema “Viva sua beleza viva”, que destaca a essência de cada um e em constante mudança, como é a vida na realidade.

Um fabricante sabão em pó, por exemplo, veicula publicidade que sugere o compartilhamento das tarefas domésticas, por homens e mulheres. E uma loja âncora, que tem presença em praticamente todos os shoppings fez, recentemente, campanha do dia dos namorados sugerindo relações homoafetivas.

Propagandas de carros vem trocando a alusão ao poder pelo prazer do encontro com os amigos. Uma cervejaria apostou numa propaganda com homens e mulheres da terceira idade curtindo um “rock da pesada”!

Os fabricantes de produtos infantis utilizam quase que exclusivamente bebês brancos de olhos claros em suas propagandas. Imagens de bebês negros ainda são poucas, mas já aparecem. Há bem pouco tempo, se fizessemos uma pesquisa, seria quase zero.

Marca na história



Na manhã do dia 12 de julho, o Brasil perdeu Luiza Helena Bairros, uma das principais ativistas do movimento negro no País. Com o ministério da Secretaria de Políticas Públicas da Igualdade Racial, entre 2011 e 2014, criou o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Sinapir), que implementa políticas públicas voltadas a igualdade de oportunidades, combate à discriminação e à intolerância.

Intelectual de profunda compreensão política sobre nossa sociedade, Luiza militou no movimento social e na academia, destacando-se no Brasil e no exterior. Entre 2001 e 2005, trabalhou em programas da Organização das Nações Unidas (ONU) contra o racismo.

Ao longo de sua trajetória de mais de 40 anos, sempre questionou os espaços privilegiados de manutenção e sofisticação do racismo e do machismo. Luiza passou os últimos anos em viagens pelo País realizando palestras e trabalhando intensamente na articulação do movimento negro.



Na edição anterior, por um erro técnico os créditos das fotos da capa e página 2 foram suprimidos. Nossos agradecimentos ao fotógrafo Marcos Musse.

Caminhada “Por Todas Elas”, em Salvador, junho/2016



Para amamentar todo lugar é lugar

Várias mães tem se reunido em lugares públicos para reafirmar o direito da criança de ser alimentada em qualquer lugar, são os “mamaços”, um protesto contra a carece e a opressão, um ato em prol da vida e da liberdade, que se espalhou por todo o Brasil!

Amamentar é um gesto de amor. A cena de uma mãe com seu filho inspira sempre cuidado e ternura. O ato de amamentar sempre será bonito, em qualquer lugar que aconteça. Por isso, cada vez mais pessoas aderem à campanha de amamentação em público com naturalidade.

O incentivo às mulheres não se limita à amamentação. As mães



são chamadas também a contribuir com os bancos de leite, pois muitas mulheres precisam dessa doação porque o que produzem é insuficiente ou simplesmente não tem o leite para seus filhos.

O recém-nascido sabe que o leite materno é o melhor alimento, instintivamente suga o peito da mãe para saciar sua primeira dor: a fome. Por isso, amamentação não tem hora nem lugar, é ato de entrega, cuidado, troca e, principalmente, amor!

Desinformação

As redes sociais vem sendo canais de discussão sobre a dificuldade que muitas mulheres enfrentam ao amamentar em público. Chegou a ser veiculada a falsa notícia de multa para as

mães. Na verdade, o que se vê são muitos estados e municípios que agem para coibir qualquer segregação e lugares que proíbem amamentação.

Em São Paulo, desde o início do ano passado, o prefeito Haddad sancionou uma lei para garantir que as paulistanas possam amamentar seus bebês sem sofrerem constrangimento, o estabelecimento comercial que assim o fizer, terá que pagar multa.

Em Santa Catarina, tramita no Legislativo estadual o projeto da deputada Angela Albino, que prevê multas pesadas, que vão de R\$ 2mil a R\$ 40 mil. As leis são importantes para garantir a tranquilidade das mulheres e também funcionam como medidas socioeducativas.

Direito incompleto

A Convenção Coletiva (cláusula 36ª) garante às bancárias duas pausas especiais diárias de meia hora cada uma, podendo a beneficiária optar pelo período único de uma hora, objetivando a amamentação de crianças até 12 meses de idade. Porém os bancos ainda não garantem um espaço apropriado no local de trabalho para que as mães possam ter próximos seus bebês para que seja possível trabalhar e amamentar.

ONU reconhece direito ao aborto

O Comitê de Direitos Humanos da ONU condenou, pela primeira vez, um Estado por não permitir o aborto. A decisão sinaliza importante referencial na discussão que existe hoje em âmbito mundial sobre a legalização do procedimento. O órgão recomendou que o governo do Peru indenize uma mulher que, em 2001, foi impedida de abortar após constatar uma má formação no feto. A decisão histórica, anunciada no início deste ano, implica a definição do aborto como um direito humano.

A ONU considerou que o governo peruano agiu contra os direitos humanos. A proibição, embora calcada na legislação do país,

provocou quadro de depressão profunda na jovem mãe, que foi obrigada a levar a gravidez até o final, mas permaneceu pouco com o bebê, já que a criança morreu quatro dias após o nascimento.

A ONU declarou que o Peru violou os direitos desta mãe. Di-

reitos reconhecidos segundo a organização no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, entre eles, o direito à indenização, a proibição da tortura e tratamento cruel, desumano e degradante, o direito à vida privada e o direito a medidas de proteção do menor.

A decisão implica ainda a declaração do aborto como um direito humano, algo que diversas associações no Peru aplaudiram como um passo adiante no caminho de legalizar o aborto no país.

Decisão histórica foi tomada pela ONU no início deste ano



Publicamos nesta edição a primeira parte de artigo produzido por um psicólogo especialista em gênero e sexualidades. A continuidade virá na próxima edição e a íntegra do texto ficará disponível no site do Sindicato (bancariosbahia.org.br).

Raça, transexualidade e saúde do homem

“A saúde do homem no Brasil constitui uma realidade vasta, diversa e que exige múltiplos olhares e atenções especiais às violências estruturadas em nossa sociedade, como o machismo, o racismo e a LGBTfobia. (...) a violência passa a perfazer toda a trajetória relacional, violentando os percursos individuais e coletivos, atingindo homens e mulheres.”

As discussões sobre saúde do homem têm sido pautadas, desde as décadas de 1930 e 1940, por meio dos estudos sobre disfunção sexual, e ganharam força a partir de 1970, nos Estados Unidos, com base nos estudos sobre “déficits de saúde da população masculina”². Para além desse quadro, as discussões sobre saúde do homem constituíram pautas políticas do Movimento Feminista e do Movimento LGBT, que fizeram do homem e da masculinidade objetos de reflexão e crítica, e do Movimento Negro que tem garantido a não universalização sobre tais questões.

Para o Movimento Feminista, o destaque à dimensão de gênero afirmava, dentre outras questões, a necessidade de desnaturalizar a figura do homem e a masculinidade. No que diz respeito à saúde, significava também implicar os homens como responsáveis pela própria saúde, uma vez que a ausência de cuidados dos mesmos produzia, como efeito, riscos à saúde das mulheres, principalmente em relação às saúdes sexual e reprodutiva. Tal pauta foi apresentada na Conferência Mundial das Mulheres de 1975 (e também em 1980 e 1985) e, em 1979, na Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW).

Já o Movimento LGBT³ buscou problematizar a centralidade do homem cuja vivência da masculinidade hegemônica representava a manutenção de práticas

Diogo Sousa ¹

de violência e exclusão sobre outros homens. Segundo o sociólogo Michael Kimmel⁴, a masculinidade hegemônica compreende o modelo de homem branco norte-americano, classe média e bem sucedido.

Em 1994, na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento (Conferência de Cairo), a saúde sexual passou a ser discutida para além da reprodução e a sexualidade entendida como constituinte do bem estar dos sujeitos. Isso implicou em considerações sobre desejo, prazer e práticas sexuais que possibilitaram o reconhecimento de sujeitos invisibilizados, em especial, homens gays.

O Movimento Negro tem garantido ampla qualificação dessa pauta e impedido a universalização do homem e da masculinidade. Ao discutirmos o exercício das masculinidades, devemos notar um movimento histórico que não garantiu ao homem negro, em qualquer exercício do gênero ou da sexualidade, a manifestação da masculinidade hegemônica posta a condição de poder nela implicada. Neste sentido, as questões raciais atuam como marcadores fundamentais para o reconhecimento do que é ser homem e masculino e como isso opera socialmente, sendo necessária uma releitura que desagregue noções universais.

A cada três mortes de pesso-



as adultas, duas são de homens. Além disto, embora a expectativa de vida da população brasileira tenha aumentado, os homens têm, em média, sete anos a menos que as mulheres. Destaca-se ainda que os fatores de risco à saúde do homem são, em sua maioria, de fácil prevenção. Com base nesses cenários, em 27 de Agosto de 2009, o Ministério da Saúde lançou, a partir da Portaria nº 1.944, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH). A política se destina, mais especificamente, à população de homens entre 20 e 59 anos, considerando que o grupo dessa faixa etária constitui cerca de 52 milhões de homens ativos no mercado de trabalho.

1. Psicólogo. Especialista em Gênero e Sexualidades. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Comunitária (ISC/UFBA).

2. Romeu Gomes

3. Utilizo a sigla LGBT reconhecendo as múltiplas variações que a sigla do movimento de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneras/os/es apresentou ao longo dos anos.

4. KIMMEL, Michael S. Homofobia, temor, vergüenza y silencio em la identidad masculina. In: VALDES, Teresa, OLAVARRÍA, José (edc.). In: Masculinidad/es: poder y crisis. ISIS-FLACSO: Ediciones de las Mujeres, n. 24, p. 49-62.